

Joseneide Santos de Jesus

Orientação: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

**CADERNO DE LEITURA DE CANÇÕES:
O EMPODERAMENTO FEMININO**

Joseneide Santos de Jesus

Orientação: Prof. Dr. Carlos Magno Gomes

**CADERNO DE LEITURA DE CANÇÕES:
O EMPODERAMENTO FEMININO**

Material desenvolvido e apresentado como requisito para conclusão final do curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, no ano de 2019, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Magno Gomes e financiado pela Capes.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
Campus Prof. Alberto Carvalho
Itabaiana - SE

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO ----- | 04 |
| OBJETIVOS----- | 06 |
| ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS----- | 06 |
| Leitura literária pelo viés cultural e subjetivo----- | 06 |
| Abordagem sobre o empoderamento feminino na escola----- | 09 |
| ROTEIRO DE LEITURA DE CANÇÕES----- | 14 |
| Atividade 01: Conceito de empoderamento feminino----- | 14 |
| Atividade 02: Conhecendo leis de amparo à mulher ----- | 15 |
| Atividade 03: Leitura das canções “Paradinha”, de Anita e “Cheguei”, de Ludmila----- | 16 |
| Atividade 04: Leitura e interpretação da canção “Desconstruindo a Amélia”, de Pitty em diálogo com o poema “Com licença poética” de Adélia Prado ----- | 21 |
| Atividade 05: Leitura e interpretação das canções “Respeita”, de Ana Cañas e “Respeita as mina”, de Kell Smith ----- | 26 |
| Atividade 06: Leitura e interpretação da canção “Pagu”, de Rita Lee e Zélia Duncan em diálogo com o poema “Ser mulher” de Gilka Machado ----- | 32 |
| Atividade 07: Leitura da canção “Balacobaco”, de Rita Lee ----- | 37 |
| Reflexões sobre o debate de gênero ----- | 40 |
| REFERÊNCIAS----- | 42 |

APRESENTAÇÃO

O trabalho de leitura em sala de aula é uma prática de indiscutível contribuição para a formação de seres com uma aprendizagem cada vez mais significativa e ampla. O processo de leitura pode proporcionar maior consciência crítica sobre a realidade ou sobre diversos outros aspectos atrelados ao conhecimento da língua portuguesa. Partindo dessa premissa, elaboramos este Caderno como proposta didática de leitura crítica de canções e poesias de autoria feminina para debater o processo de emancipação das mulheres, bem como da luta por direitos.

A escolha por trabalhar com o gênero canção está atrelada ao fato de ser um texto muito apreciado pelos/as adolescentes, além de possuir um caráter múltiplo. Outro fator importante para incentivar o hábito de leitura em sala de aula também é a escolha de temáticas que estejam atreladas a uma vivência mais próxima do nosso público leitor. Sendo assim, o presente caderno pedagógico apresenta para você professor/a de língua portuguesa uma sugestão de trabalho para discutir a temática do empoderamento feminino e dos direitos da mulher com o intuito de promover a intervenção social para a redução dos casos de violência, opressão e controle sobre a mulher, visto que somos frutos de uma sociedade que ainda propaga discursos misóginos e machistas de ofensa e negação dos direitos das pessoas do gênero feminino.

Dessa forma, propomos uma prática de leitura que oportunize o debate e a reflexão sobre o respeito ao ser humano, independentemente do gênero, visto que esse tipo de desigualdade ainda está muito presente em nossa sociedade justificando preconceito, violência e opressão contra as mulheres. Desmistificar esses preconceitos em sala de aula pode contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Essa é também uma oportunidade para permitir a propagação da voz feminina. O material didático da educação básica na rede pública brasileira prioriza a seleção de textos canônicos que são baseados em critérios gerais da crítica literária. O problema maior nesse processo de está no fato de não haver a inclusão de textos de autoria feminina. Logo, a voz masculina prevalece nas aulas de literatura. Por essa razão, os textos para a realização deste caderno são de autoria feminina e debatem justamente o tema da emancipação, luta por direitos e espaço da mulher.

Vale ressaltar que este caderno resultou de uma pesquisa desenvolvida por meio do programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) aplicada em sala de aula numa turma de nono ano do ensino fundamental da rede pública. Nessa oportunidade, as

atividades desenvolvidas tiveram como objetivo ampliar as habilidades de interpretação e compreensão textual, bem como o horizonte de expectativas dos/as discentes sobre as relações de gênero. Foi uma prática de leitura muito produtiva com muitos resultados satisfatórios.

As canções selecionadas para serem lidas e analisadas foram “Paradinha”, de Anitta, “Cheguei”, de Ludmila, “Desconstruindo a Amélia”, de Pitty, “Respeita as mina”, de Kell Smith, “Respeita”, de Ana Cañas, “Pagu”, de Zélia Duncan e Rita Lee e “Balacobaco”, de Rita Lee. Para estabelecer diálogo com esses textos serão incluídas as poesias “Com licença poética”, de Adélia Prado e “Ser mulher” de Gilka Machado. Também deixamos como sugestão a inclusão de textos jurídicos que tratam dos direitos da mulher: a lei Maria da Penha, a lei do feminicídio e a lei contra a importunação sexual.

Trabalhar as canções e as poesias, estabelecendo diálogos com os textos jurídicos, justifica-se pelo fato de nossa metodologia estar ancorada no método cultural de leitura defendido por Gomes. De acordo com essa abordagem, o texto não está desvinculado do seu contexto de produção. Logo, no processo de recepção textual o/a leitor/a pode agregar seus conhecimentos oriundos de contextos sociais, históricos e culturais para ampliar a sua visão de mundo, pois as questões identitárias fazem com que o texto signifique mais para o seu/sua leitor/a (2012, p. 168).

Diante de tais considerações, apresentamos o *Caderno de leitura de canções: o empoderamento feminino* como sugestão para o trabalho de leitura em sala de aula, especialmente com turmas do ensino fundamental II, visando desenvolver habilidades de compreensão textual sob uma ótica crítica e, ao mesmo tempo, suscitar uma reflexão sobre os direitos humanos, visto que combater a desigualdade de gênero em nossa sociedade é uma questão de intervenção social para que tenhamos uma sociedade mais justa e atualizada sobre nossos direitos e deveres.

O caderno apresenta uma abordagem teórica e metodológica, que envolve a discussão dos principais conceitos que dão sustentação ao trabalho, bem como a descrição de como os textos podem ser trabalhados, incluindo as atividades e a discussão teórica de cada tema proposto para ser abordado com os textos escolhidos.

Vale ressaltar que propomos apenas algumas sugestões de discussões que podemos fazer em sala de aula a partir desses textos. Fica, assim, a critério de você docente adequar as atividades às necessidades da sua turma acrescentando e/ou modificando o que julgar necessário.

OBJETIVOS

Objetivo geral:

Oportunizar aos/às alunos/as uma prática de leitura crítica de canções de autoria feminina estabelecendo relações com textos poéticos e jurídicos que tratam da temática dos direitos e do empoderamento feminino.

Objetivos específicos:

- ampliar o horizonte cultural do/a leitor/a de canções contribuindo para o letramento estético crítico;
- possibilitar o conhecimento da canção como gênero textual desenvolvendo habilidades de leitura e interpretação textual;
- propiciar reflexões sobre aspectos ideológicos e sociais que impulsionaram relações conflituosas de gênero na sociedade;
- favorecer a divulgação da produção artística e literária de autoria feminina;
- divulgar por meio de uma abordagem pedagógica leis que visam coibir e punir casos de violência contra a mulher.

ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Leitura literária pelo viés cultural e subjetivo

A prática de leitura em sala de aula torna-se mais significativa a partir do momento que promove no/a leitor/a a ampliação do seu horizonte de expectativas. Para que isso ocorra existem diversas possibilidades e gêneros textuais à disposição dos/as docentes. Os gêneros literários costumam ter excelentes recepções, especialmente no ensino fundamental. Nessa fase da vida escolar a leitura de textos que aguçam a subjetividade e a criticidade são excelentes para promover momentos de leituras prazerosas, além de auxiliarem na compreensão de mundo e de diversos aspectos linguísticos.

Além de contos, crônicas e poemas, a canção é um gênero de extrema aceitação em sala de aula. Conforme Simone S. de Alcântara, a canção é um gênero híbrido e extremamente popular, pois transita em diversos equipamentos eletrônicos, em shows, teatros, telenovelas, entre outras representações artísticas. A canção (en) canta diversos públicos “das letras à palavra, dos sons à voz, à melodia, à *performance* e à tecnologia (ou seria em sentido inverso?), para, dessa maneira, compor a poesia nossa de cada dia” (2012, p. 28).

Sendo assim, a canção está presente em diversos espaços e contextos na vida da grande maioria das pessoas, independentemente do gênero que aprecia. Em se tratando do público adolescente e jovem, o hábito de ouvir músicas é ainda mais corriqueiro. Outra razão para se trabalhar com a canção é pela possibilidade de estabelecer diálogos com o texto poético, já que da música também se emana poesia.

De acordo com Pinheiro, o trabalho com o texto poético traz diversas contribuições para a aprendizagem humana.

Em mais de trinta anos de convivência com jovens, posso afirmar que é possível promover um trabalho sensibilizador através da poesia. E que sensibilizar não é oba-oba e não precisa da razão, da reflexão. A proposta pode ser exigente, mas é sobremaneira prazerosa. Nesse percurso, uma questão é fundamental: não ensinamos poesia, não é um saber técnico instrumental que define o trabalho com a literatura numa perspectiva de formação de leitores; é, antes, uma convivência com os jovens e com a poesia (PINHEIRO, 2018, p. 123/124).

Nessa perspectiva, trabalhar com textos poéticos vai além de trabalhar sentimentos e emoções. Não que essa abordagem não seja interessante. Porém, por meio da poesia, pode-se também realizar um trabalho também voltado para a compreensão das diversas realidades que cercam a vida dos/as leitores/as. Para que isso ocorra é fundamental introduzir os/as alunos/as no universo poético. Ao sentir e pensar as emoções e ideias que emanam dos textos os/as leitores podem ampliar o seu conhecimento de mundo, bem como conhecer melhor a si e ao/a outro/a. A música, por ser poesia, materializa emoção e subjetividade e pode alargar nossos horizontes de saberes e sensações.

Para Rouxel,

Se o leitor domina um texto, se apropria dele, este deixa de ser uma coisa em si: ele significa para o leitor, estimula seu pensamento. Nessa situação, os textos são lidos para pensar o mundo e para se construir. A cultura literária é então uma cultura ativa (que requer engajamento do leitor e em troca o ajuda a pensar (2013, p. 171).

Quando o/a leitor/a compreende o texto, este não é um objeto desvinculado da realidade. Dele se extrai diversos significados que aguçam a reflexão. Texto e leitor/a dialogam de modo que essa prática auxilie na compreensão do mundo externo ou interno. O texto alarga os horizontes de quem se engaja com as mensagens transmitidas exigindo, assim, uma postura ativa por parte do/a leitor/a. Nesse sentido, “um texto só existe, verdadeiramente, na medida em que há leitores (pelo menos potenciais) aos quais tende a deixar alguma iniciativa interpretativa” (ZUMTHOR, 2018, p. 24).

Diante disso, apresentamos uma proposta de leitura que prima pelo engajamento do/a leitor/a não apenas com o texto, mas também com a sociedade. Neste trabalho abordamos uma prática de leitura literária numa perspectiva interdisciplinar. Segundo Gomes,

Tal prática interdisciplinar é possível por deixarmos de lado a definição de literatura como objeto estético-artístico para tratá-la como produção estético-cultural, marcada pelas diferenças ideológicas que fazem parte da construção textual e da recepção crítica (2012, p. 168).

E justamente por conta disso, nossa proposta procura dar enfoque maior para a leitura ideológica que os textos selecionados possibilitam. Não trabalharemos o gênero textual canção ou o poema do ponto de vista da sua estrutura e/ou estético de forma detalhada. Esse enfoque tem a sua relevância, no entanto, por haver necessidade de delimitação do tema e da abordagem, priorizamos dar enfoque à temática do empoderamento feminino oportunizando a propagação das vozes silenciadas pela tradição clássica canônica que prioriza a seleção de textos de autoria masculina para fazerem parte do currículo escolar, principalmente na educação básica.

Partindo dessa premissa, a abordagem metodológica que orienta este trabalho tem como referencial maior o modelo cultural de leitura defendido por Gomes, pois privilegiamos a leitura e a interpretação textual vinculadas ao contexto histórico, social e cultural do/a leitor/a.

Metodologicamente, defendemos o modelo cultural de leitura como uma opção política de interpretação para dar visibilidade às questões identitárias por meio da recepção textual. Tal pedagogia da leitura cultural valoriza a alteridade e as diferenças identitárias em suas diferentes interfaces de classe, de raça, ou de gênero, de sexualidade etc (GOMES, 2012, p. 168).

Diante desse contexto, uma metodologia que visa trabalhar o texto promovendo relações com intertextos históricos, culturais e sociais possui grande pertinência por possibilitar ao/à aluno/a a oportunidade de refletir sobre seu contexto. Dessa maneira, torna-se

possível a formação de cidadãos e cidadãs mais críticos/as e conscientes quanto ao seu engajamento perante a sociedade.

Por meio da temática do empoderamento feminino os/as discentes serão convidados/as a analisarem e questionarem aspectos que representam o contexto de dominação masculina por meio da recepção de textos que questionam a legitimidade discursiva que ocasionou no processo de controle que a sociedade machista e patriarcal exerce sobre o corpo feminino, bem como sobre a propagação de discursos que visam inferiorizar a pessoa representante do feminino.

Nesse processo a subjetividade do/a leitor/a é de fundamental importância, visto que o seu imaginário pode alimentar-se de diversas fontes:

compõe-se de imagens e representações que provêm da sua experiência do mundo – da sua história pessoal, do imaginário coletivo da sociedade em que vive – e das suas experiências estéticas anteriores. Que parte cabe a cada uma dessas fontes? Não é possível dizer. De acordo com o indivíduo, de acordo com a situação de leitura, uma ou outra será dominante (ROUXEL, 2013, p. 200).

Assim sendo, a interpretação que os/as alunos/as fazem de textos sobre a temática aqui debatida está diretamente atrelada às suas experiências reais. Em se tratando de uma sociedade patriarcal e machista que nega os direitos da mulher, é fundamental trabalhar com uma prática de leitura que visa oportunizar os/as discentes a realizarem atividades em que vão utilizar da sua subjetividade para atribuírem sentidos aos textos. Com isso, também terão a possibilidade de questionarem “o imaginário coletivo da sociedade” a respeito da desigualdade de gênero. Não é o bastante perceber como funciona esse imaginário, é imprescindível perceber quantas injustiças estão atreladas nesse processo. Dessa forma, as leituras continuarão agregando novos saberes para que os/as leitores/as ampliem os seus repertórios de experiências subjetivas.

Abordagem sobre o empoderamento feminino na escola

A escola nos dias atuais, mais do que nunca, precisa primar por uma educação que valorize os direitos humanos e oriente o sujeito para compreender que direitos e deveres caminham juntos. Infelizmente nossa estrutura social está constituída de uma forma que o reconhecimento e a garantia desses direitos e deveres não ocorrem de forma espontânea. Muitas vezes nos são negados de diversas maneiras. Logo, tornar-se um ser politizado e consciente do seu papel social é algo necessário para vivermos com o mínimo de dignidade.

De acordo com Lara, a sociedade propaga o discurso que o sucesso de cada indivíduo depende do seu esforço individual. Com isso, coloca sobre o sujeito a responsabilidade sobre o seu sucesso ou insucesso, desconsiderando as condições que propiciam ou não o alcance de determinadas conquistas, visto que “A narrativa do sucesso alcançado unicamente por mérito só funciona quando há esse conveniente apagamento da história, das raízes e das condições de vida de cada indivíduo” (2016, p. 71). Numa sociedade marcada pela desigualdade de classe, etnia, gênero, entre outras, não há como todas as pessoas acessarem os mesmos espaços de oportunidades e cidadania.

No tocante à desigualdade de gênero, Lara nos lembra que por mais que nós mulheres tenhamos alcançado muitas conquistas ainda está muito distante a tão sonhada igualdade. O Brasil, por exemplo, está como o segundo pior país quando se trata de igualdade salarial entre homens e mulheres/desemprego (2016, p. 68). Isso demonstra que precisamos fortalecer o debate em sala de aula com as novas gerações para que não formemos pessoas conformadas com a situação social que lhes forem apresentadas, especialmente as mulheres.

não, as mulheres não estão dominando o mundo dos negócios. É inegável que houve algum progresso, mas – como sempre acontece quando questões estruturais estão envolvidas – ele se dá de forma lenta e gradual. Difundir a ideia de que, como grupo, as mulheres “chegaram lá” é simplesmente enganador. Da mesma forma a noção de que, nesse cenário, os maiores obstáculos entre uma mulher e uma vida de sucesso estão dentro dela mesma chega a ser cômico (LARA, 2016, p. 68).

Por essas razões, podemos introduzir a temática da igualdade de oportunidades para homens e mulheres sem esquecer de levar em consideração os aspectos estruturais atrelados nesse processo. Uma das formas é oportunizar debates para promover a conscientização das meninas de que elas têm o direito e a capacidade de decidirem sobre os seus destinos, bem como sobre escolha da profissão que quiserem, lembrando que podem existir empecilhos de ordem social, mas que é necessário inicialmente desfazer mitos e crenças de ordem misóginas e machistas que visam justamente impedir que elas alcancem espaços de cidadania.

Quanto aos meninos, precisam entender que os seus papéis também precisam se modificar e que eles não devem pensar que determinadas profissões são exclusivas para eles apenas. Esse pode ser um trabalho demorado, no entanto podemos ir plantando as sementes para aos poucos irmos auxiliando na redução das desigualdades.

Ao priorizarmos a voz feminina neste trabalho não temos o intuito de calar a voz masculina, nem de excluí-las dos espaços de educação. Na verdade, o que pretendemos é permitir que essas vozes, que sempre foram silenciadas, possam falar. Além do que se o tema

é exclusivamente voltado para os direitos da mulher, ninguém melhor que elas para falarem sobre isso. A voz masculina não representa nossas dores, angústias, anseios e desejos. É preciso que cada um tenha o seu “lugar de fala”.

Conforme lembra Djamila Ribeiro, dentro do próprio feminismo há hierarquias. Nem todas as mulheres falam do mesmo lugar porque não têm as mesmas oportunidades.

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de falas, pois estamos falando de localização social (...). O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados (RIBEIRO, 2017, p. 86).

Desse modo, é fundamental que cada um/a compreenda de que lado se encontra, a qual grupo pertence, se ao grupo privilegiado ou ao subalternizado e questionem quais razões causam essa desigualdade. Enquanto o objetivo da maioria das pessoas continuar sendo sair de uma classe social marginalizada para pertencer ao grupo que detém o controle social sempre haverá desigualdade, pois sempre será alimentado o ciclo do dominante x dominado.

Quando falamos de mulheres acessando espaços de cidadania, não estamos falando de tirar os homens de determinados espaços para que elas entrem; quando expomos sobre a importância de dar voz à mulher, não estamos querendo fazer calar os homens. O feminismo representa, antes de qualquer coisa, uma luta pela igualdade de condições e oportunidades para o ser humano, independentemente de ser considerado/a homem ou mulher.

É notório que a existência das leis não denota garantia desses direitos, além do que há outras barreiras muito sérias a serem vencidas. Ainda são poucas as delegacias especializadas para se acompanhar casos de denúncias feitas pelas mulheres e ainda é muito pequena a quantidade de mulheres que trabalham no judiciário brasileiro.

Os repertórios simbólicos dos profissionais de direito como vozes de autoridade ainda se dividem nas fissuras de variantes de inovação de relações de igualdade de gênero e de variantes de reprodução dos valores de longa duração em torno da antiga “honra das famílias”, transmutada em “harmonia familiar” (MACHADO, 2017, p. 46).

O judiciário brasileiro ainda atua baseado numa visão patriarcal e tradicional no julgamento de questões familiares. Além do que “o lugar de fala” desses profissionais está bem distante do público com o qual costuma lidar. Em muitos casos, uma mulher negra, da periferia e/ou sem instrução escolar sente-se até inibida diante de profissionais como juízes e promotores. O *locus* social frequentado por eles é totalmente diferente. Além de representar a ideia de autoridade, raramente uma pessoa de classe menos favorecida chega a ocupar esses

cargos. Sendo assim, muitas vezes quem procura a justiça para tentar solucionar questões de ordem judiciária sente que há muita distância entre o mundo que ela vive e o mundo de quem vai analisar e julgar o seu processo.

O perigo de tratar o sujeito social a partir de uma classificação de gênero pode interferir diretamente em sua formação como pessoa. Moore argumenta que

Um dos conjuntos de processos ou relações mais difíceis de captar quando se trata de discutir a construção de sujeitos marcados por gênero é como as representações sociais do gênero afetam as construções subjetivas, e como a representação ou auto-representação subjetiva do gênero afeta sua construção social (2000, p. 20/21).

Dessa forma, é um processo complexo analisar de que modo as construções sociais e subjetivas mesclam-se nesse processo. Porém, não há como negar, que a relação de dominação masculina trouxe e continua trazendo inúmeros problemas para o ser feminino. O perigo reside justamente no fato de usar essa dominação como mecanismo para justificar a superioridade do homem perante a mulher, o controle do corpo feminino e os inúmeros tipos de violência que as mulheres continuam sofrendo.

Isso porque a dominação masculina não está restrita apenas aos espaços privados. Nos termos de Bourdieu, a perpetuação dessa dominação não reside apenas nos “lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica” (2018, p. 15). Foi essa visão que aguçou inicialmente o olhar e o discurso feminista. Porém, ela está presente

em instâncias como a Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um imenso campo de ação que se encontra aberto às lutas feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem definido, no mesmo seio das lutas políticas contra todas as formas de dominação (BOURDIEU, 2018, p. 15).

Ao reconhecer esse processo mais amplo de poder, controle e subordinação exercido do masculino sobre o feminino, as lutas feministas têm amplo terreno para desbravar. São diversos fatores que fortalecem os discursos legitimados por instituições responsáveis por pregar o respeito ao próximo e tentar garantir o alcance de direitos e cumprimento de deveres. Porém, em alguns aspectos, esses mesmos órgãos são responsáveis por desintegrar ainda mais os membros da sociedade reforçando os mecanismos de controle e opressão.

Por tais razões, discutir na escola o feminismo e o processo de emancipação da mulher pode promover um resgate da cidadania que é negada a muitas pessoas. Existe um caminho longo a ser trilhado, muitas conquistas a serem alcançadas, visto que há que se reconhecer que

“nosso mundo está cheio de homens e mulheres que não gostam de mulheres poderosas” (ADICHIE, 2017, p. 13). Uma mulher consciente dos seus direitos não aceita pacificamente as nuances da dominação masculina, visto que questiona os discursos legitimadores dessa dominação e orienta outras mulheres para lutarem por seus direitos. Assim, mulheres poderosas e empoderadas incomodam porque desestabilizam a ordem estabelecida pela sociedade patriarcal e machista.

ROTEIRO DE LEITURA DE CANÇÕES

ATIVIDADE 01: Conceito de empoderamento feminino

Antes de iniciar o processo de leitura, é imprescindível que o/a professor/a realize uma sondagem sobre o horizonte de expectativas dos/as alunos/as a respeito do tema a ser abordado. Sendo assim, será dado início à etapa de sondagem com uma conversa entre o/a professor/a e a turma. Ele/a poderá anotar na lousa uma lista com os nomes de algumas profissões, tais como piloto/a de avião, jogadora/a de futebol, médico/a, cabeleireiro/a, dono/a de bar, entre outras. Em seguida, o/a docente questionará os/as alunos/as se todas são adequadas para homens e mulheres.

Durante a mesma discussão, é importante que o/a professor/a pergunte aos/as alunos/as como ocorre a divisão de tarefas na casa deles/as e quem trabalha fora; se homens e mulheres fazem as atividades domésticas e cuidam das crianças ou se essas são apenas funções de uma pessoa da casa. Diante das respostas, o/a docente vai conhecendo como se dá as relações de gênero no ambiente familiar dos/as seus/suas alunos/as.

A partir dessa sondagem inicial, é importante saber o que os/as alunos/as conhecem sobre o tema empoderamento feminino. Assim, o/a professor/a deverá registrar na lousa as seguintes perguntas:

Você já ouviu falar na palavra empoderamento? O que ela significa?

E empoderamento feminino?

A mulher tem conquistado muitos espaços na sociedade contemporânea? O que você pensa sobre isso?

Homens e mulheres são tratados de forma diferente na sociedade? Como e/ou em quais situações isso pode ser observado?

Os/as discentes poderão responder às questões por escrito e depois realizar a explanação coletiva. Após a exposição dos posicionamentos dos/as alunos/as, o/a professor/a exibirá o vídeo intitulado *Empoderamento das mulheres* (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6RSc_XYezig).

Depois que finalizar a exibição do vídeo, pode-se estabelecer um comparativo entre as anotações dos/as discentes e as apresentadas.

ATIVIDADE 02 Conhecendo leis de amparo à mulher

Esta fase é importante para argumentar com os/as alunos/as que o mais importante não é discutir conceitos, mas entender que há diversas formas de ampliar o empoderamento das mulheres. Uma dessas maneiras é o conhecimento dos nossos direitos, por isso é pertinente introduzir uma discussão a respeito de algumas leis que tratam de direitos mais voltados para o público feminino. Neste momento, o/a professor/a providenciará a cópia dos seguintes textos: lei Maria da Penha, lei do feminicídio e a lei dos crimes de importunação sexual.

A turma será dividida em três grupos para realizar a leitura dos textos, sendo que a lei Maria da Penha é importante dar ênfase ao artigo 7º, que trata da descrição das formas de violência doméstica e familiar contra a mulher e ao artigo 23, que apresenta as medidas protetivas de urgência à ofendida. Caso seja possível, o/a professor/a pode trabalhar outros artigos ou solicitar que os/as alunos/as pesquisem a lei completa para realizarem a leitura em casa.

Ao finalizarem a leitura, a/o professor/a solicitará que os/as alunos debatam em grupo o texto legislativo ao tempo que o/a docente acompanha as discussões tirando possíveis dúvidas. Em seguida, os/as discentes farão a explanação oralmente sobre os textos lidos.

Finalizada a explanação, o/a professor/a exibirá alguns vídeos que destacam e explicam casos de violência: *2 minutos para entender a cultura do estupro* (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7a2uY64IwXY>); *2 minutos para entender a violência doméstica* (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jv7FWOmMU70>) e *Violência nos relacionamentos* (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ugc5S1sJ_sY).

É importante solicitar que cada grupo analise um dos vídeos para comandar a discussão. Para tanto, pode-se solicitar que os/as alunos/as registrem as relações que são possíveis estabelecer entre a lei que o seu grupo leu e o vídeo.

Trazer essas leis e esses vídeos para a sala de aula é imprescindível porque é uma oportunidade de debater o quanto o conhecimento das leis pode favorecer ainda mais o empoderamento da mulher por meio da percepção de que, enquanto ser humano, ela é digna de carinho e respeito em seu seio familiar, no trabalho e na sociedade como um todo. Promover esse tipo de debate na escola e agregar informações sobre essa legislação, além de ser amplamente justificável para diminuir as desigualdades e conflitos de gênero na sociedade, é uma forma da escola contribuir para a formação da cidadania.

ATIVIDADE 03: Leitura das canções “Paradinha”, de Anita e “Cheguei”, de Ludmilla

Nesta etapa o/a professor/a poderá propor a leitura e a análise dos videoclipes de duas canções: “Paradinha”, música 01, (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-73pafJ9RFg>), interpretada por Anita, que a compôs juntamente com Umberto Tavares e “Cheguei”, música 02, (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RNVLCr-Y7rQ>), que tem autoria de André Vieira e Wallace Vianna, interpretada pela cantora Ludmilla. Após a exibição dos videoclipes o/a professor/a entregará a letra das músicas juntamente com algumas questões para iniciar a interpretação das mesmas.

Por meio dessas canções o/a professor/a poderá debater a visão do empoderamento feminino atrelado à sensualidade, à autonomia da mulher no ato da conquista, bem como a visão de mulher poderosa relacionado ao estrelismo social.

Para permitir que a reflexão ocorra tanto individualmente, como coletivamente, os questionamentos sobre as músicas serão entregues aos/as alunos/as de forma impressa juntamente com as letras das músicas para serem respondidas individualmente. Após realizarem a atividade, a/o professor/a conduzirá a discussão promovendo um debate entre todos/as fazendo um comparativo sobre as respostas dos/as discentes. É importante também retomar as discussões da oficina anterior sobre o conceito de empoderamento feminino.

QUESTÕES PARA A ATIVIDADE PRÁTICA

Interpretando canções: “Paradinha” (Anita e Umberto Tavares) e “Cheguei” (André Vieira e Wallece Vianna), interpretada pela cantora Ludmilla.

1. Como o empoderamento feminino está presente nessas músicas?
2. Que músicas tratam a mulher como objeto de desejo podem influenciar na propagação da cultura machista? Explique.
3. Explique como essas músicas podem evidenciar:
 - a) uma crítica social;
 - b) a sensualidade feminina.
4. A primeira música, “Paradinha” foi composta por Anita e Umberto Tavares. Já a segunda, “Cheguei” foi escrita por André Vieira e Wallece Vianna. O fato das duas músicas terem sido compostas por homens (mesmo que uma em coautoria de uma mulher) pode ter relação com a exaltação da sensualidade feminina? Por quê?
5. O videoclipe auxilia na compreensão das canções, ou seja, as imagens ajudam a reforçar os sentidos dos textos? Justifique.

Paradinha (Anitta)

Eu quero ver você enlouquecer
Quero te provocar, você vai ver que
Quando eu quero alguma coisa, eu posso fazer
Se não me conhece, não duvide de mim, pois
[...]

Eu deixei seu mundo de cabeça pra baixo
Você vai negar de novo?
Se me disser a verdade, talvez
Eu começo agora em um, dois, três, vai!

A paradinha
A paradinha, ah ah ah ah
A paradinha
A paradinha, ah ah ah ah
[...]

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/anitta/paradinha/traducao.html>. Acesso em 12 de abril de 2018.

Cheguei (Ludmilla)

Cheguei (cheguei)
Cheguei chegando, bagunçando a zorra toda
E que se dane, eu quero mais é que se exploda
Porque ninguém vai estragar meu dia
Avisa lá, pode falar

Que eu cheguei com tudo
Cheguei quebrando tudo
Pode me olhar, apaga a luz e aumenta o som
A recalcada pira
Falsiane conspira
Pra despertar inveja alheia eu tenho dom

Se não gosta, senta e chora
Hoje eu tô a fim de incomodar
Se não gosta, senta e chora
Mas saí de casa pra causar
[...]

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/ludmilla/cheguei.html>. Acesso em 12 de abril de

ROTEIRO DE LEITURA

Por meio dessas canções os/as alunos serão convidados a refletirem como está presente a exaltação do corpo e da sensualidade feminina nas duas músicas; se as imagens dos videoclipes também reforçam essa ideia; qual ideia de empoderamento está presente nas letras e imagens transmitidas nas músicas.

Essas análises são importantes porque, muitas vezes, na concepção de alguns/algumas adolescentes, ser uma mulher livre significa ter liberdade para fazer qualquer coisa que sentir vontade, bem como apenas tomar a iniciativa na conquista, atrair a atenção para o seu corpo; que ser empoderada e independente está relacionado com ter bom poder aquisitivo ou atender aos padrões de beleza da sociedade.

A esse respeito Lara discorre sobre a incorporação dos valores neoliberais no discurso feminista que impulsionou a difusão do termo *Girl power* (poder das meninas). “Originalmente, o termo está ligado ao Riot Grrrl, movimento norte-americano de bandas formadas por mulheres – muitas das quais eram também escritoras, ativistas e recém-graduadas – que questionavam o machismo no ambiente musical” (LARA, 2016, p. 64). Com o passar do tempo esse termo passou a ser difundido pela mídia como “a expressão sinônimo de garotas bonitas e poderosas e associando-a a produtos de massa, como séries de TV e banda pop como as Spice Girls” (LARA, 2016, p. 64). Logo, tornou-se comum associar a imagem de uma mulher poderosa à aquela que atende aos preceitos do estrelismo artístico e/ou social.

Isso torna-se um problema porque promove a exclusão de quem não pertence a esse grupo de mulheres, além do que nos condiciona a pensar que a conquista da autonomia e da independência depende apenas da nossa responsabilidade. É algo individual.

Amplamente aceito pela mídia e pela sociedade em geral, o discurso do *girl power* não promove a união de garotas em prol de transformações sociais – pelo contrário: convida-as a se tornarem poderosas por meio do consumo de músicas e produtos e a se conformarem diante das normas das indústrias da moda e da beleza. Assim, deixa de representar uma ameaça ao *status quo* e à ideologia da classe média branca, promovendo as imagens femininas demandadas pelo novo capitalismo (LARA, 2016, p. 64).

Desse modo, esse tipo de associação é muito perigoso porque atende aos preceitos da sociedade capitalista e inferioriza as pessoas que não acompanham esse tipo de padrão. Ainda segundo Lara, associar o empoderamento ao sucesso pessoal, à autoestima e ao atendimento

aos padrões de beleza correspondem a um “falso empoderamento”, pois a desigualdade entre homens e mulheres representa um problema estrutural bem maior, além de excluir as mulheres que não têm as mesmas oportunidades (2016, p. 75).

Quanto ao aspecto da sensualidade feminina analisado nas músicas, é algo que pode refletir o processo de dominação masculina, visto que a exibição excessiva do corpo feminino como estratégia para atrair o homem pode ser uma maneira de demonstrar que a mulher age sempre de acordo com os preceitos machistas demonstrando uma sujeição dos dominados (as mulheres) aos dominadores (os homens), assim como debate Chartier (1995, p. 40).

A representação feminina das canções traduz o empoderamento da mulher contemporânea apenas em alguns aspectos, já que uma das intenções desses textos é exaltar a sensualidade e a ostentação. Na música de Anita, a mulher visa conquistar o homem usando a beleza do seu corpo e o seu poder de sedução; já a canção interpretada por Ludmila traz a representação de uma adolescente que chama a atenção e manda em todos da escola onde estuda (aspecto mais explanado no videoclipe).

Sendo assim, convém lembrar que empoderamento não está relacionado ao fato de a mulher ter poder de mandar em algo ou alguém; que a exposição do corpo é um direito da mulher, mas, se tal atitude ou postura for utilizada apenas com o intuito de conquistar o homem, pode ser algo negativo, uma vez que estaria atendendo à normatização masculina colocando a mulher à disposição do homem.

É oportuno também discutir o aspecto da autoria das canções, pois o fato das duas músicas terem sido compostas por homens (mesmo que uma em coautoria de uma mulher) pode justificar a relação com a exaltação da sensualidade feminina, pois é muito comum em algumas canções contemporâneas a mulher ser retratada como objeto sexual do homem.

Diante dessas considerações, percebe-se a importância de selecionar textos de interpretação e autoria feminina (apenas uma foi composta com coautoria masculina) para realizarmos nessas oficinas porque “A voz das mulheres ainda precisa ser ouvida de forma autônoma para expressar, de fato, o seu pensamento” (BRANDÃO, 2018, p. 08). É preciso que a mulher exerça o direito de expressar o que pensa e sente por meio da sua arte.

ATIVIDADE 04: Leitura e interpretação da canção “Desconstruindo a Amélia”, de Pitty em diálogo com o poema “Com licença poética” de Adélia Prado.

Nesta aula será trabalhada a letra e o videoclipe da música “Desconstruindo a Amélia” da cantora Pitty (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ygcrcRgVxMI>). Para tanto, os/as alunos/as receberão a letra da música e algumas questões impressas para serem respondidas individualmente.

Por meio dessa canção, pode-se refletir sobre o processo de independência feminina, pois a mulher representada nessa música abandona o perfil de mulher que deveria apenas cuidar do lar e da família e passa a trabalhar fora, a se cuidar mais e a sair para se divertir.

Após responderem as questões sobre a música os/as alunos/as receberão impresso o poema Com licença poética de Adélia Prado. É interessante realizar uma leitura em voz alta. O/A docente pode solicitar que cada aluno/a leia um verso; que apenas as mulheres leiam em coro alternando o tom de voz como, por exemplo, ler com um tom de voz submissa, depois com um tom de voz mais ativa e empoderada. Podem-se fazer algumas alternâncias no modo de ler associando à mensagem que a poesia transmite. Da mesma forma, também pode realizar a leitura da letra da música Desconstruindo a Amélia.

O/A professor/a também pode ir mais além na análise desses textos trabalhando a intertextualidade que apresentam com outros. Pode trazer a música “Ai que saudade da Amélia”, composta por Ataulfo Alves e interpretada por Roberto Carlos para dialogar com a música de Pitty. Já a poesia de Adélia Prado dialoga com o “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade.

QUESTÕES PARA A ATIVIDADE PRÁTICA

Interpretando canções e poesias: **Desconstruindo Amélia** (Pitty), Composição: Pitty e Martin Mendonça e **Com licença poética** (Adélia Prado)

1. Como a mulher é representada na canção?
2. Analise os versos seguintes e comente a mudança de comportamento da mulher que ocorre na canção:
 - a) “O ensejo a fez tão prendada/ Ela foi educada para cuidar e servir/ De costume, esquecia-se dela”.
 - b) “Nem serva, nem objeto/ Já não quer ser o outro/ Hoje ela é um também”.
3. De acordo com a concepção da sociedade brasileira, Amélia é uma mulher que cuida bem da casa, do marido e dos filhos. É também estereótipo de submissa, resignada e trabalhadora. Esse também é o perfil de mulher representado na canção “Ai que saudade da Amélia”, interpretada Roberto Carlos e composta por Mario Lago e Ataulfo Alves. Diante desse contexto, essa música de Pitty “desconstrói” o perfil da Amélia, conforme sugere o título?
4. Quais relações podem ser estabelecidas entre o perfil de mulher apresentado na música “Desconstruindo Amélia” e no poema “Com licença poética”?
5. De acordo com as mensagens transmitidas pela voz feminina da canção e do poema, qual a ideia de empoderamento que pode estar presente nesses textos?

Desconstruindo Amélia (Pitty)

Composição: Pitty e Martin Mendonça

Já é tarde, tudo está certo
Cada coisa posta em seu lugar
Filho dorme, ela arruma o uniforme
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada
Ela foi educada pra cuidar e servir
De costume, esquecia-se dela
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente
Todo dia até cansar (Uhu!)
E eis que de repente ela resolve então mudar
Vira a mesa, assume o jogo
Faz questão de se cuidar (Uhu!)
Nem serva, nem objeto
Já não quer ser o outro
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado
Ganha menos que o namorado
E não entende porque
Tem talento de equilibrista
Ela é muita, se você quer saber
[...]

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/pitty/desconstruindo-amelia.html>. Acesso em 05 de abril de 2018.

Com licença poética
Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

ROTEIRO DE LEITURA:

A música “Desconstruindo a Amélia” foi composta em 2009 por Pitty (Priscila Novaes Leone) e Martin Mendonça. Nas duas primeiras estrofes, o texto apresenta uma mulher prendada que cuida da casa, dos filhos e esquece de se cuidar; a partir da terceira estrofe, há uma mudança de postura e atitude dessa mulher que resolve “virar a mesa e assumir o jogo”, além de começar a questionar os seus direitos de ter o seu espaço e agir de acordo com as suas vontades. Ela trabalha, mas também percebe que tem o direito de cuidar de si, de alimentar a sua vaidade e de sair para se divertir. Ela não aceita mais o título de “serva nem objeto”. É uma mulher que também quer o seu espaço.

Por meio dessa canção pode-se refletir sobre o processo de independência feminina, pois traz a voz de um eu-lírico feminino que se liberta de barreiras sociais e hegemônicas de uma sociedade que limita e padroniza a mulher. Debater este texto é uma forma de demonstrar que permitir falar a voz feminina e as produções escritas desse grupo de pessoas é uma alternativa de emancipação, de direitos humanos e de ampliação da oportunidade delas se expressarem sem a sombra da visão masculina, pois “O não ouvir é a tendência a permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados” (RIBEIRO, 2017, p. 78).

Na poesia “Com licença poética”, Adélia Prado expõe o contexto da vida da mulher relacionado a trabalho e casamento. Logo na primeira estrofe temos versos muito significativos: “Quando nasci um anjo esbelto,/ desses que tocam trombeta, anunciou:/ vai carregar bandeira./ Cargo muito pesado pra mulher,/ esta espécie ainda envergonhada”. Percebe-se a presença de uma reflexão a respeito da visão patriarcal e machista que mulher não nasceu para executar qualquer profissão que queira. Ela precisa escolher a menos pesada de acordo com a interpretação masculina. Assim, o eu-lírico reflete que a mulher pertence a uma espécie ainda envergonhada porque não tem o direito de realizar as suas escolhas. Nesse caso, envergonhada pode assumir o sentido de constrangida, visto que há bloqueio na sua autonomia.

Outro verso que cabe destaque é o que traz a declaração de que “Não sou tão feia que não possa casar”. Essa expressão faz referência à ideia de que a mulher precisa está dentro de um determinado padrão de beleza estabelecido pela sociedade para que possa ter o direito de se casar. Como se isso também fosse um privilégio ou uma espécie de prêmio. Chimamanda nos lembra que não devemos falar de casamento como uma forma de realização (2017, p. 16). O casamento pode ser algo bom, mas não pode ser encarado como um objetivo de vida. Além do que se é para atender determinada padronização social, perde-se totalmente o sentido de união entre pessoas.

Fazendo referência ao “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade, o eu-lírico afirma “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem./ Mulher é desdobrável. Eu sou”. Essa expressão pode relacionar-se à ideia de que a mulher é superior ao homem porque consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo. Esse é mais um discurso de manipulação, pois assim se atribui a mulher a responsabilidade de dar conta de executar diversas tarefas ao mesmo tempo.

Não tenho o menor interesse no debate sobre as mulheres que “dão conta de tudo”, porque o pressuposto desse debate é que o trabalho de cuidar da casa e dos filhos é uma seara particularmente feminina, ideia que repudio vivamente. O trabalho de cuidar da casa e dos filhos não deveria ter gênero, e o que devemos perguntar não é se uma mulher consegue “dar conta de tudo”, e sim qual é a melhor maneira de apoiar o casal em suas duplas obrigações no emprego e no lar (ADICHIE, 2017, p. 09).

Logo, assim como demonstra a música de Pitty, na modernidade não há uma desconstrução da visão da “Amélia”, visto que a mulher ainda continua a cuidar da casa e dos filhos e a trabalhar fora. A diferença, nesse caso, é que a Amélia moderna tem que aumentar a dose de equilibrista para também dar conta de cuidar da sua vaidade e sair para se divertir. A esse

respeito, Lara discute que essa é mais uma característica da incorporação do discurso neoliberal, pois segundo essa concepção a mulher poderosa pode tudo “Ela não só pode, como deve ter uma linda e harmônica família, uma casa arrumada e bem decorada, uma carreira de sucesso e um corpinho de quem mora na academia” (2016, p. 65).

Desse modo, é uma obrigação da mulher atender a esse status de supermulher que faz tudo. Quem não consegue atender a essas exigências não faz parte do perfil de mulher moderna. Outra grave concepção também embutida nesse discurso é que quem não atingir esse patamar “é porque não se esforça o suficiente” (LARA, 2016, p. 65) e que “dar conta de todas essas tarefas seria uma forma de empoderamento, uma prova de nossa capacidade de brilhar” (LARA, 2016, p. 66).

ATIVIDADE 05: Leitura e interpretação das canções “Respeita”, de Ana Cañas e “Respeita as mina”, de Kell Smith

Nestas aulas podem ser trabalhadas as canções “Respeita” (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hnan1HTbozQ>) e “Respeita as mina” (Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vjzKTYZMO_8.) de Ana Cañas e Kell Smith, respectivamente, também por meio da exibição dos videoclipes e da leitura das letras. Nas canções o eu-lírico clama por respeito ao seu corpo, ao direito de andar sozinha sem ser assediada, visto que estar por aí não significa estar à toa, visto que para o pensamento machista, uma mulher andar desacompanhada em alguns ambientes pode significar que ela está disponível e que aceita ser assediada. Os videoclipes das músicas também trazem a representação de diversas mulheres que mostram o seu rosto e reforçam as reivindicações das letras das músicas como se fosse um manifesto pela luta de direitos da mulher.

Para melhor compreensão das músicas, serão analisadas as letras das canções e os videoclipes em grupo. Os/as alunos/as deverão pontuar os elementos semelhantes e diferentes que há entre os textos. Após, eles/as deverão expor oralmente os elementos comparados. Por meio dessa tarefa, tem-se a oportunidade de convidar o/a leitor/a a recepcionar os textos para ampliar a visão que possuem sobre as agressões físicas e simbólicas que a mulher enfrenta em suas atividades corriqueiras.

QUESTÕES PARA A ATIVIDADE PRÁTICA

Interpretando canções: **Respeita** (Ana Cañas) e **Respeita as mina** (Kell Smith)

1. As duas canções trazem uma temática semelhante, pois reivindicam o respeito para com as mulheres. Cite pelo menos dois versos de cada música que ilustram exemplos de desrespeito contra a mulher.
2. As músicas também abordam vários tipos de violência que atingem o público feminino. Releia as letras das músicas e escreva pelo menos dois exemplos de violência física e dois exemplos de violência psicológica que são apresentados nos textos.
3. No contexto da cultura machista, uma das formas de exercer violência contra a mulher é por meio do controle do seu corpo. Analise os versos seguintes das canções e explicita a relação semântica que eles representam no contexto das reivindicações feministas por respeito e direitos.
 - a) “Que o corpo é nosso nossas regras/ Nosso direito de ser” (Kell Smith);
 - b) “Ela vai/ Ela vem/ Meu corpo, minha lei/ Tô por aí, mas não tô a toa” (Ana Cañas).
4. Como as vozes femininas das músicas representam o empoderamento das mulheres? Justifique com elementos do texto.
5. Os videoclipes das músicas trazem mensagens que podem ampliar os sentidos dos textos. Descreva o que é demonstrado em cada um deles e quais as relações principais com as mensagens transmitidas pelas letras das canções.

Respeita (Ana Cañas)

Você que pensa que pode dizer o que quiser
Respeita, aí!
Eu sou mulher
Quando a palavra desacata, mata, dói
Fala toda errada que nada constrói
Constrangimento, em detrimento de todo discernimento quando ela diz não
Mas eu tô vendo, eu tô sabendo, eu tô sacando o movimento
É covardia no momento quando ele levanta a mão

Ela vai
Ela vem
Meu corpo, minha lei
Tô por aí, mas não tô a toa
Respeita, respeita, respeita as mina, porra!
[...]

E o cinismo obtuso daquele cara confuso
Mas eu vou esclarecer
Abuso
[...]

Violência por todo mundo
A todo minuto
Por todas nós
Por essa voz que só quer paz
Por todo luto nunca é demais
Desrespeitada, ignorada, assediada, explorada
Mutilada, destratada, reprimida, explorada
Mas a luz não se apaga
Digo o que sinto
Ninguém me cala
[...]

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ana-caas/respeita/>. Acesso em 05 de abril de 2018.

Respeita as mina (Kell Smith)

Short, esmalte, saia, mini blusa
Brinco, bota de camurça, e o batom? tá combinando!
Uma deusa, louca, feiticeira, alma de guerreira
Sabe que sabe e já chega sambando
Calça o tênis, se tiver afim, toda toda
Swag, do hip hop ao reggae
Não faço pra buscar aprovação alheia
Se fosse pra te agradar a coisa tava feia
Então mais atenção, com a sua opinião
Quem entendeu levanta a mão

Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras
Nosso direito de ser
Respeita as mina
Toda essa produção não se limita a você
Já passou da hora de aprender
Que o corpo é nosso nossas regras nosso direito de ser
[...]
Não leva na maldade não
Não lutamos por inversão
Igualdade é o "x" da questão, então aumenta o som!
Em nome das marias, quitérias, da penha silva
Empoderadas, revolucionárias
Ativistas, deixem nossas meninas serem super heroínas!
Pra que nasça uma joana d'arc por dia!
Como diria Frida: "eu não me kahlo! "
Junto com o bonde saio pra luta e não me abalo
O grito antes preso na garganta já não me consome
É pra acabar com o machismo
E não pra aniquilar os homens
Quero andar sozinha porque a escolha é minha
Sem ser desrespeitada e assediada a cada esquina
Que possa soar bem, correr como uma menina
Jogar como uma menina
Dirigir como menina, ter a força de uma menina
Se não for por mim, mude por sua mãe ou filha!
[...]

Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/kell-smith/respeita-as-mina.html> Acesso em 05 de abril de 2018.

ROTEIRO DE LEITURA

A canção “Respeita as Mina”, escrita em de 2017 por Keylla Cristina dos Santos (Kell Smith), aborda diversas questões sobre a mulher moderna. A voz lírica da canção pede que a mulher seja respeitada todos os dias e não apenas no dia 08 de março, Dia Internacional da Mulher; defende o direito de a mulher ser vaidosa, de vestir-se com conforto sem se preocupar em agradar ou chamar a atenção do homem; de sair, gastar o próprio dinheiro, de não incomodar por não ser submissa; exalta as mulheres revolucionárias; afirma que a mulher quer igualdade e acabar com o machismo e não aniquilar os homens; reivindica o direito de andar sozinha sem sofrer assédio, bem como o direito de fazer coisas que o homem faz (correr, jogar, dirigir) e mesmo assim continuar sendo “menina”.

A canção “Respeita” de Ana Cañas também é contemporânea à de Kell Smith, assim como clama por respeito à mulher. A autora questiona a agressão verbal e física; destaca a coragem da mulher, que mesmo sendo violentada, ainda tem força para continuar lutando; aborda o desrespeito pelo corpo da mulher que ainda tem que silenciar diante das agressões e carregar a culpa por ser maltratada acompanhada da dor que os abusos e violências lhe causam.

Atribuir à vítima a culpa pela violência sofrida é uma estratégia da sociedade e/ou do agressor de naturalizar formas de violência e de tentar justificar atos injustificáveis, pois “A mulher que está em uma relação abusiva precisa repetir para si mesma: a culpa nunca é da vítima. NUNCA” (LARA, 2016, p. 189). Mas, quanto maior for o potencial de dominação masculina sobre a sociedade, mais discursos são criados para tentar camuflar os problemas decorrentes da desigualdade de gênero.

É altamente absurda a ideia de que, pelo simples fato de ser mulher, a pessoa não possa usufruir do direito de ir e vir. O desrespeito pelo corpo feminino é uma manifestação da violência simbólica que alimenta a denominada cultura do estupro, conforme discute Lara.

Tendo como referência o conceito de violência simbólica de Bourdieu, que é definida como “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento”, consideramos que *cultura do estupro* pode ser definida como uma forma de violência simbólica que consiste na justificação, na tolerância ou no estímulo do estupro (LARA, p. 164).

Isso ocorre porque o corpo feminino liberado, na acepção de Elódia Xavier (2007), incomoda por ameaçar a manutenção do sistema patriarcal. A pessoa que tem atitudes de um

corpo liberado tem atitude para reivindicar. É um corpo que questiona. Esse questionamento é notado nessas canções quando elas pedem respeito e pedem que a sociedade permita que as mulheres usufruam da liberdade de andar na rua, pois elas precisam ter o controle do próprio corpo: “Meu corpo, minha lei/Tô por aí, mas não tô a toa/ Respeita, respeita, respeita as mina porra!” (Ana Cañas). Na mesma direção Kell Smith afirma “Que o corpo é nosso nossas regras/ Nosso direito de ser/ Respeita as mina”.

Nessa mesma perspectiva, Elódia Xavier analisa que essa mesma postura está presente nas vozes femininas dos textos narrativos.

A narrativa de autoria feminina, da década de 90 para cá, vem apresentando protagonistas mulheres que passam a ser sujeitos da própria história, conduzindo suas vidas conforme valores redescobertos através de um processo de autoconhecimento. Esse processo é exatamente o conteúdo da narrativa (XAVIER, 2007, p. 169).

Dessa forma, a mulher contemporânea está alcançando mais espaço para escrever e para externar as suas angústias sobre a opressão que sofrem por pertencerem a uma sociedade que tenta aniquilar a liberdade e os valores do sujeito do gênero feminino. Para tanto, utiliza-se de mecanismos violentos, tais como a agressão física, psicológica, estupro, quando não se tira a vida de uma mulher, às vezes pelo simples fato de não aceitar o fim do relacionamento.

A esse respeito, Moore analisa que precisamos parar de pensar que a violência trata de uma ruptura da ordem social, ou seja, como o reflexo de algo que está errado porque, na verdade, ela representa um “sinal de uma luta pela manutenção de certas fantasias de identidade e poder” (MOORE, 2000, p. 43/44). A violência contra a mulher trata-se de um mecanismo de controle que a sociedade patriarcal utiliza para continuar a manutenção do poder.

ATIVIDADE 06: Leitura e interpretação da canção “Pagu”, de Rita Lee e Zélia Duncan, em diálogo com o poema “Ser mulher” de Gilka Machado.

Este capítulo apresenta uma proposta para trabalhar a música “Pagu”, composta e interpretada por Rita Lee e Zélia Duncan. Antes de iniciar as discussões o/a professor/a exibirá um vídeo com as compositoras interpretando a canção (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0n5M6RF0IDE>).

Em seguida, é interessante realizar uma explanação inicial com alguns dados biográficos a respeito de Patrícia Galvão, artista modernista que inspirou o título e a ideia da canção para que os/as alunos/as compreendam a relação que existe entre a sua vida e a música. Pode-se utilizar o material que faz parte do *Dicionário Mulheres do Brasil* (disponível em: <https://guiadeturismornsites.files.wordpress.com/.../dicionario-mulheres-do-brasil-schuma...>) ou o/a docente pode utilizar outras fontes de pesquisa.

Logo após, é importante que o/a professor/a também passe algumas informações sobre a Inquisição, fato que é citado na música. Em seguida, os/as discentes receberão a letra da música impressa juntamente com algumas questões para que respondam em dupla.

Para a leitura dessa canção, será solicitado que realizem alternância de vozes (femininas e masculinas). Os versos da primeira estrofe serão lidos pelos meninos de forma coletiva. Em seguida, as meninas lerão os demais alternando em dupla. Enquanto que o refrão, todas farão a leitura juntas colocando na voz um tom de força e protesto.

Antes de realizar a leitura os/as discentes serão convidados/as a refletirem sobre a ideia de protesto que a música pode fazer referência e repensarem porque ela traz essa mensagem e/ou outras que ele pensarem, pois a voz, em muitos contextos, pode ser usada como instrumento de reivindicação social, de luta e disputa de espaços.

Para dialogar com essa música é interessante trabalhar a poesia “Ser mulher” de autoria da poetisa brasileira Gilka Machado. A produção literária dessa autora foi realizada no século XX e pertence ao simbolismo brasileiro. Por não ser uma autora contemporânea é importante discutir essa poesia porque ela reflete justamente sobre a repressão que a mulher sofria na sociedade, sendo impedida de realizar os seus desejos e ter liberdade. Assim, é importante debater com os/as alunos/as que, apesar de estarmos numa época diferente e que a mulher tem conquistado muitos direitos, ela ainda sofre com a padronização social e com a repressão da sua sexualidade.

Como a poesia apresenta um vocabulário com palavras não muito comuns do uso cotidiano dos/as alunos/as, é interessante solicitar que eles/elas utilizem um dicionário (impresso ou virtual) para pesquisarem e anotarem os significados das palavras que desconheçam. Em seguida, faz-se a leitura da poesia discutindo coletivamente a interpretação do texto relacionando com a música Pagu.

Para finalizar essa etapa de leitura, também seria interessante solicitar que os/as discentes formassem grupos (a quantidade vai depender do tamanho da turma) e organizassem um texto escrito sobre os padrões e as regras sociais contemporâneas que aprisionam a mulher. Após escreverem, eles debatem diante de toda a turma.

QUESTÕES PARA A ATIVIDADE PRÁTICA

Interpretando canções e poesias: **Pagu** (Zélia Duncan), Composição: Rita Lee - Zélia Duncan e **Ser mulher** (Gilka Machado)

1. A música inicia citando um fato histórico, a Inquisição.
 - a) De acordo com o que você estudou e do que fora apresentado na aula de hoje, escreva em poucas palavras um conceito para Inquisição.
 - b) Considerando que a Inquisição representou uma fase de punição e tortura, quais fatos da atualidade relacionados à mulher podem está sendo associados nos seguintes versos da música:
 - “Só quem já morreu na fogueira sabe o que é ser carvão”.
 - “Não sou freira nem sou puta/ Porque nem toda feiticeira é corcunda”.
2. Diante do que fora apresentado sobre Patrícia Galvão, Pagu, quais relações podem ser estabelecidas a letra da música e essa artista?
3. De acordo com a mensagem transmitida pela voz feminina da canção, qual a ideia de empoderamento que pode está presente na música?
4. O poema “Ser mulher”, de Gilka Machado foi escrito antes da década de 80. Considerando as discussões sobre a música “Pagu”, analise os seguintes versos e explique a quais fatos atuais eles poder ser relacionados.
 - a) “sentir a vida triste, insípida, isolada,/ buscar um companheiro e encontrar um senhor”.
 - b) “Ser mulher, e oh! atroz, tantállica tristeza!/ ficar na vida qual uma águia inerte, presa/ nos pesados grilhões dos preceitos sociais”.

Pagu (Zélia Duncan)

Compositoras: Rita Lee - Zélia Duncan

Mexo, remexo na inquisição
Só quem já morreu na fogueira
sabe o que é ser carvão
Hum! Hum!

Eu sou pau pra toda obra
Deus dá asas à minha cobra
Minha força não é bruta
Não sou freira nem sou puta

Porque nem toda feiticeira é corcunda
Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone
Sou mais macho que muito homem
[...]

Sou rainha do meu tanque
Sou pagu indignada no palanque
Fama de porra-louca, tudo bem
Minha mãe é Maria ninguém
[...]

Disponível em:

<https://www.letras.com.br/zelia-duncan/pagu>. Acesso em: 05 de abril de 2018.

Ser mulher

Gilka Machado (1893-1980)

Ser mulher, vir à luz trazendo a alma
talhada
para os gozos da vida: a liberdade e o
amor,
tentar da glória a etérea e altívola
escalada,
na eterna aspiração de um sonho
superior...

Ser mulher, desejar outra alma pura e
alada
para poder, com ela, o infinito transpor,
sentir a vida triste, insípida, isolada,
buscar um companheiro e encontrar um
senhor...

Ser mulher, calcular todo o infinito curto
para a larga expansão do desejado surto,
no ascenso espiritual aos perfeitos
ideais...

Ser mulher, e oh! atroz, tantálica tristeza!
ficar na vida qual uma águia inerte, presa
nos pesados grilhões dos preceitos
sociais!

Disponível em:

labelleuerj.com.br/downloads/acervo-digital/gilka-machado-cristais-partidos.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

ROTEIRO DE LEITURA

A canção “Pagu”, composta por Rita Lee e Zélia Duncan no ano 2000, foi feita em homenagem à Patrícia Galvão, artista modernista que é considerada “uma mulher à frente do seu tempo”, pois era envolvida em lutas feministas. Nessa canção, se questiona a violência sofrida pelas mulheres na época da inquisição, bem como os estereótipos que traçam perfis opostos da mulher (freira/puta).

Muitas temáticas podem ser discutidas a partir da letra de “Pagu”, mas é importante que se discuta a referência ao que significou o fato histórico da inquisição, especialmente o que representou para algumas mulheres, visto que esse fato trouxe imensa contribuição, principalmente, no tocante à repressão da sexualidade feminina.

Chegando no período da Inquisição, quando havia uma supremacia da Igreja, o desejo sexual passa a ser considerado algo satânico e pecaminoso. Por serem consideradas sedutoras, as mulheres eram vistas como tentações do demônio, tendo sua sexualidade condenada e interditada. De acordo com Abdo, nesse período muitas mulheres foram inclusive queimadas, sob a alegação de realizarem bruxaria, por causa de suas condutas contrárias ao que era pregado pela Igreja. Dessa forma, a atividade sexual passou a ser marcada pelo objetivo de reprodução, principalmente por parte da mulher, e o prazer sexual passou a ser visto como algo profano (LARA, 2016, p. 88).

Dessa forma, os versos da canção de Rita Lee e Zélia Duncan nos remetem a esse contexto de punição da mulher que tinha a sua sexualidade repreendida. Com o passar do tempo, essa repressão se perpetua, mesmo que em outros moldes, porém ainda há muitas restrições e julgamentos sobre o seu comportamento. Enquanto a sexualidade masculina costuma ser incentivada desde cedo, a feminina é reprimida e julgada.

Nessa mesma direção, o eu-lírico da poesia de Gilka Machado expõe a angústia de ser mulher, já que significa “vir à luz trazendo a alma talhada/ para os gozos da vida: a liberdade e o amor”. Esse texto foi produzido antes da década de 80, e mesmo após tantos anos passados ele continua atual no tocante à falta de liberdade do ser feminino para conduzir sua vida e, primordialmente, para viver a sua sexualidade livre de tabus sociais.

A privação da autonomia também é retratada no verso “buscar um companheiro e encontrar um senhor”, pois o casamento e outros tipos de relacionamentos ainda representam uma forma de prisão para a mulher nos dias atuais, visto que “as relações interpessoais familiares e conjugais estão atravessadas por poderes desiguais (disciplinares) de gênero que geraram a reivindicação das feministas por direitos” (MACHADO, 2017, p. 40). Sendo assim,

a mulher, em muitos casos, acaba assumindo no relacionamento um papel de submissa às vontades do homem que assume o papel de “senhor” da relação.

Na última estrofe da poesia, o eu-lírico é bem enfático ao lamentar por ter que se privar de realizar as suas vontades: “Ser mulher, e oh! atroz, tantállica tristeza!/ ficar na vida qual uma águia inerte, presa/ nos pesados grilhões dos preceitos sociais”. Assim, o eu-lírico feminino afirma ser muito cruel e triste ter que reprimir os desejos que provoca e ser obrigada a ficar imóvel e presa às regras da sociedade que a aprisiona.

Em “Pagu”, ao afirmar que “não sou freira nem sou puta”, a voz lírica questiona essa classificação antagônica. Essa denominação de puta para a mulher que deseja viver a sua sexualidade com liberdade é uma forma de controle, pois o corpo feminino liberado, na acepção de Xavier (2007, p. 169), não é aceito pelas normas da sociedade patriarcal que prega o moralismo de uma classificação dicotômica de acordo com a conduta sexual da mulher.

A psicóloga Nalu Faria afirma que a cultura ocidental continua sendo muito ambígua em relação à sexualidade das mulheres, tanto que estabeleceu como pacto tradicional entre elas e os homens um duplo padrão: se as mulheres são assexuadas virtuosas, são dignas da proteção masculina; não podem expressar seus desejos, pois nesse caso serão consideradas profanas, não dignas de respeito. É a lógica que conhecemos vulgarmente como “as santas e as putas”, “para casar e para curtir” ou “as boas e as más” (LARA, 2016, p. 81).

Ainda, segundo essa lógica machista, a mulher tem responsabilidade pela forma como é tratada pelos homens, pois apresentar um comportamento que demonstrem gostar de praticar sexo já seria um indício de que não são dignas de respeito. Esses discursos misóginos auxiliam para a propagação do desrespeito contra a mulher, bem como para a manutenção da cultura do estupro, visto que, segundo Gomes, atitudes como essas servem para relativizar “a culpa do estuprador quando desqualificam a mulher” (2018, p. 76). Para um contexto social que legitima essa ideia “mulheres disponíveis podem ser violentadas; todavia, puras, “certas” e virgens não merecem um castigo desses” (2018, p. 86).

Diante de tal discussão, é fundamental trabalhar esses textos poéticos que nos auxilia a refletir sobre a necessidade de permitir às mulheres o direito de escolherem tomar as suas atitudes e a realizarem as suas escolhas sem as amarras e o controle da sociedade. Desconstruir essa visão padronizada sobre o comportamento feminino é uma medida que auxiliará na resolução de outros problemas, como, por exemplo, da violência contra a mulher.

ATIVIDADE 07: Leitura da canção “Balacobaco”, de Rita Lee

Nesta etapa será trabalhada a música Balacobaco, composta e interpretada por Rita Lee. A/O professor/a entregará para os/as alunos/as a letra da canção impressa para que eles façam a leitura em silêncio. Após, será feita uma leitura direcionada em que os/as discentes colocarão marcas de oralidade para representar os sentidos da canção. Em seguida, serão distribuídas algumas questões para que discutam e respondam em dupla.

Nessa etapa será retomado o conceito de empoderamento discutido nas aulas iniciais, visto que essa música apresenta uma voz feminina que tem uma vida cheia de dificuldades financeiras e sociais, mas apresenta atitudes de determinação, uma grande consciência crítica e, acima de tudo, uma boa autoestima.

QUESTÕES PARA ATIVIDADE PRÁTICA

Interpretando canções: **Balacobaco** (Rita Lee)

1. Quem é e como vive a mulher representada nesta música? Descreva como é sua vida e os seus hábitos.
2. Em algumas passagens da música o eu-lírico se compara a animais (fuiinha, avestruz). Levando em consideração a condição de vida que possui, por que será que ela faz estas comparações?
3. De acordo com o contexto de vida da mulher descrita na música, explique as seguintes passagens:
 - a) “Sou escrava independente/ Ganho menos que indigente”.
 - b) “Vou rezar para Jesus/ aliviar a minha cruz/ Meu buraco não tem luz/ Vida dura de avestruz”.
4. Qual a ideia de empoderamento representada nessa canção? Justifique.
5. Diante das músicas que trabalhamos e das discussões realizadas, o empoderamento está relacionado a status de beleza e às boas condições financeiras? Justifique.

Balacobaco (Rita Lee)

Acordo às 5 da matina
Reclamando da rotina
Dou um trato na faxina
Vida dura de heroína
Minha cara de caveira
Vai abrir a geladeira
Esqueci de fazer feira
Vou fuçar lá na lixeira
Uma espinha pro gatinho
Pro cachorro um ossinho
Requentar o cafezinho
E sair apressadinho
Todo dia atrasada
Já estou acostumada
Condução sempre lotada
Vida dura de empregada
[...]
Meu lugar é na cozinha
Vida dura de fuinhaMotorista xavecando
Jardineiro azarando
Porteiro se assanhando
Ê, vou logo avisando
[...]

Meu amor é pra quem pode
Quem não pode se sacode
Sirvo a janta e vou embora
Já passou da minha hora
Abusando é que demora
Vem a chuva e piora
Caminhando na calçada
Medo de ser assaltada
Medo de ser seqüestrada
Medo de ser estuprada
Sou escrava independente
Ganho menos que indigente
Não posso ficar doente
Amanhã tô no batente
Vou rezar para Jesus
aliviar a minha cruz
Meu buraco não tem luz
Vida dura de avestruz

Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/rita-lee/80822/>. Acesso em 12 de junho de 2018.

ROTEIRO DE LEITURA

A música “Balacobaco” foi produzida por Rita Lee em coautoria com Roberto de Carvalho e traz uma abordagem diferenciada das demais canções. Ela traz o perfil de uma mulher que leva uma vida precária, mora longe do trabalho, acorda cedo para deixar a casa limpa antes de sair para pegar ônibus e chegar ao local onde trabalha como empregada doméstica na casa de pessoas muito ricas.

Essa voz lírica feminina tem consciência da vida dura que leva, o que demonstra em alguns versos da música: “Sou escrava independente/ Ganho menos que indigente// Meu buraco não tem luz/ Vida dura de avestruz”. Ela também se sente amedrontada diante de algumas situações que precisa andar sozinha na rua: “Caminhando na calçada/ Medo de ser assaltada/ Medo de ser sequestrada/ Medo de ser estuprada”. No entanto, apesar de ter uma vida cheia de dificuldades, a mulher aí representada demonstra atitudes fortes e uma elevada autoestima: “Motorista xavecando/ Jardineiro azarando/ Porteiro se assanhando/ Ê, vou logo avisando/ Meu amor é pra quem pode/ Quem não pode se sacode”.

Dessa forma, “Balacobaco” desconstrói uma ideia normalmente difundida no que diz respeito ao empoderamento feminino, que é a associação entre a independência e a autoestima da mulher a um elevado poder aquisitivo, pois essa música apresenta uma voz feminina que tem uma vida cheia de dificuldades financeiras e sociais, mas apresenta atitudes de determinação, uma grande consciência crítica e, acima de tudo, uma boa autoestima.

Porém, é de salutar importância lembrar que ter essas características individuais não trazem garantia de empoderamento porque não podemos pensar a situação do ser feminino desconsiderando os aspectos estruturais da sociedade como um todo. Não se trata de pensar o empoderamento e a luta feminista nos moldes individualista nem numa visão capitalista, conforme destaca Lara.

Fechar os olhos para as questões sociais e para as estruturas de opressão significa, pura e simplesmente, eternizá-las. Transformar em uma luta individual é despolitizar o que é, em essência, um movimento político; é despi-lo de suas origens e de seus objetivos para transformá-lo em mais um bem de consumo, em mais um mecanismo de integração ao sistema capitalista. É, em resumo, um falso empoderamento, que só se presta às necessidades mais superficiais de um grupo específico de mulheres – as mais privilegiadas (2016, p. 75).

O discurso da mulher poderosa associado ao status e aos padrões sociais de beleza, autoestima, bem como ao sucesso na vida profissional e financeira exclui a maior delas, além

de transmitir a ideia de que o empoderamento e o sucesso dependem do esforço de cada uma. Assim, reforça mais ainda os preceitos do sistema capitalista e aumenta a opressão sobre as mulheres que não conseguem atingir esse patamar de sucesso desenhado pela sociedade. A luta feminista precisa ter sempre um olhar interseccional, pois segundo essa visão, para refletir sobre alguma temática social é sempre preciso considerar aspectos de origem, cor, gênero e condição econômica dos quais o indivíduo faz parte “porque não há autoestima nesse mundo capaz de derrubar, por si só, um sistema econômico, político e cultural que coloca as mulheres abaixo dos homens” (LARA, 2016, p. 75).

REFLEXÕES SOBRE O DEBATE DE GÊNERO

Diante do que apresentamos anteriormente, gostaríamos de reiterar que as atividades propostas neste caderno representam sugestões de leituras possíveis desses textos. Caro professor/ e cara professora, fiquem à vontade para modificar o que considerar pertinente. Esperamos, contudo, que este produto possa trazer contribuições para a realização de leituras mais interessantes e que possamos ir espalhando sementes para que floresçam leitores/as mais críticos/as e conscientes dos direitos humanos.

Essa temática fora escolhida para a realização deste trabalho justamente com o objetivo de proporcionar reflexões sobre alguns aspectos sociais da comunidade escolar da qual fazemos parte. Sempre observamos que as pessoas casam-se ainda adolescentes, principalmente as meninas, e acabam abandonando os estudos. Normalmente são mães ainda na adolescência. Isso provoca uma dependência maior em relação aos seus parceiros. Diante deste cenário, por meio dessa proposta de pesquisa, pretendemos promover reflexões que auxiliem, principalmente as adolescentes, a perceberem que o papel da mulher não se reduz apenas ao casamento e aos cuidados do lar e que relacionamento não deve ser empecilho para que a mulher busque a sua realização profissional.

Em relação aos meninos, também é importante despertar a consciência de que um casamento muito cedo, bem como a paternidade, pode acarretar maiores responsabilidades. Principalmente num contexto social que exige do indivíduo um nível escolar cada vez mais elevado. Além do que o papel do homem não se resume a provedor da família. É importante discutir esses aspectos não apenas para promover o empoderamento feminino, mas para também refletir que a ideia de masculinidade propagada pela sociedade patriarcal também

aprisiona o homem a partir do momento que direciona determinadas responsabilidades exclusivamente para ele.

Nosso trabalho visa, primordialmente, ampliar a visão de mundo dos/as nossos/as leitores/as para compreender essas relações de gênero observando como crenças machistas e patriarcais interferem diretamente em nossas vidas. As aulas de leitura, nessa perspectiva, representam uma forma de desenvolver a criticidade do/a leitor/a.

Para tanto, é importante, também, que o/a leitor/a se envolva com o processo de leitura e recepção textual. Para que isso ocorra, é imprescindível selecionar textos “que respondam ao horizonte de expectativas do leitor jovem” (PINHEIRO, 2018, p. 111). Fazer a seleção pautando-se apenas no gosto de nós professores/as pode não ser suficiente, pois nem sempre coincidem com o dos/as nossos/as alunos/as. As temáticas também precisam se diversificar. Ainda segundo Pinheiro, não é porque se trata de um público mais jovem que devemos abordar apenas os temas do amor e da paixão. É fundamental também incluir “temas sociais, políticos, religiosos, esportivos, a condição da mulher, entre tantos” (2018, p. 118).

Algo que também devemos levar em consideração ao elaborar nossas práticas de leitura está atrelado à inclusão de práticas inovadoras também no aspecto metodológico, pois a grande maioria do nosso público de alunos/as está muito habituada à leitura na tela. Esse suporte textual permite maior mobilidade e diversidade de semioses agregando novos significados aos textos. Ao trabalhar com o gênero textual canção em sala de aula podemos ir além da leitura da letra. Devemos incluir as outras semioses que compõem a música, pois o texto escrito agregado a imagens, som, ritmo e melodia ampliam os significados e dialogam com práticas cada vez mais atuais de leitura.

Um bom trabalho e que as leituras sejam muito enriquecedoras!

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, C. N. **Para educar crianças feministas**: Um manifesto. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALCÂNTARA, S. S. de. Canção: A poesia nossa de cada dia. **Interdisciplinar**. Ano VII, v 15, 2012, p. 23-34.

ANITTA e TAVARES, U. **Paradinha**. In.: Kisses. Warner Music, 2017.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**: A condição feminina e a violência simbólica; tradução Maria Helena Kühner. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: BestBolso, 2018.

BRANDÃO, I. A propósito da exposição “As messageiras: Primeiras Escritoras do Brasil”. In.: **As messageiras**: Primeiras escritoras do Brasil. Brasília: Câmara dos deputados, 2018.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**: Lei nº 11.340: de 07 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

BRASIL: **Lei do feminicídio**: Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o Decreto-Lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13104.htm. Acesso em 10 de outubro de 2018.

BRASIL. **Lei dos crimes de importunação sexual**: Lei nº 13.718, de 24 de setembro de 2018. Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar os crimes de importunação sexual e de divulgação de cena de estupro. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13718.htm. Acesso em 10 de outubro de 2018.

CAÑAS, A. **Respeita**. Som Livre, 2008.

CHARTIER, R. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. **Cadernos Pagu**. 1995, p.37-47.

GOMES, C. M. S. O modelo cultural de leitura. **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, n. 18, ano 15, 2012, p. 167 – 183.

_____. **Ensino de Literatura e Cultura**: do resgate à violência doméstica. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

LARA, Bruna de; RANGEL, Bruna; MOURA, Gabriela; BARIONI, Paola; MALAQUIAS, Thaysa. Empoderamento: da luta antissistêmica ao feminismo apolítico. In: **#Meu amigo secreto**: Feminismo além das redes/ [Não me Kahlo]. – 1ª ed. – Rio de Janeiro, 2016.

_____. Cultura de estupro: uma forma de violência simbólica. In: **#Meu amigo secreto**: Feminismo além das redes/ [Não me Kahlo]. – 1ª ed. – Rio de Janeiro, 2016.

_____. Sexualidade: além do binômio “santa” ou “puta”. In: **#Meu amigo secreto: Feminismo além das redes/ [Não me Kahlo]**. – 1ª ed. – Rio de Janeiro, 2016.

LEE, R. e DUNCAN, Z. **Pagu**. In.: 3001. Universal Music, 2000.

LEE, R. e CARVALHO, R. de. **Balacobaco**. In.: Balacobaco, 2003.

MACHADO, G. Ser mulher. In.: **Gilka Machado**. Disponível em: labelleuerj.com.br/downloads/acervo-digital/gilka-machado-cristais-partidos.pdf. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

MACHADO, L. M. Violência contra as mulheres: diálogos entre feminismo e ciência social. In: DIAS A. F.; SANTOS E. F.; CRUZ, M. H. S. (Orgs.). **A transversalidade de gênero na produção do conhecimento e nas políticas públicas**. – Aracaju: Editora IFS, 2017, p. 37-54.

MOORE, H. L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos de Pagu**. 2000, p. 13-44.

PINHEIRO, H. **Poesia na sala de aula**. – 1ª ed. – São Paulo: Parábola, 2018.

PRADO, A. Com licença poética. In.: **Bagagem**. Disponível em: lelivros.love/.../baixar-livro-bagem-adelia-prado-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

PITTY. **Desconstruindo Amélia**. In.: Chiaroscuro. Deckdisc, 2009.

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala? In: **O que é: lugar de fala?** – Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017, p. 54-79.

ROUXEL, A. Apropriação singular das obras e cultura literária. Tradução de Amaury C. Moraes. In: ROUXEL, A.; LANGLADE G.; REZENDE, N. L. (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p. 165-189.

ROUXEL, A. O advento dos leitores reais. Tradução de Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, A.; LANGLADE G.; REZENDE, N. L. (Orgs.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013, p. 191-208.

SCHUMAHER, S. e BRASIL, É. V. (Org.) **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade – biográfico e ilustrado. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, p. 534/535.

SMITH, K. **Respeita as mina**. In.: Kell Smith. Midas Music, 2017.

XAVIER, E. **Que corpo é esse?** O corpo no imaginário feminino. – Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

ZUMTHOR, P. **Performance, recepção e leitura**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

SCHUMAHER, S. e BRASIL, É. V. (Org.) **Dicionário Mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade – biográfico e ilustrado. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, p. 534/535.